

Resumo

“Worldview” is a term that was born from Kantian philosophy and immigrated to theology from the 19th century onwards. More than a way of viewing the world, this word means a conviction, a commitment of faith whose roots are embedded in the man's heart. Contemporary society is full of worldviews that point away from God. In other words, children are growing up in a world that seeks to find meaning and stability in corrupt worldviews that distance them from the Creator. In this context, the only worldview following divine precepts is called the Christian or biblical worldview. This article aims to discuss the Christian worldview's role in children's lives. The objective of this article is to discuss the role of the Christian worldview in children's lives. Therefore, we explain why it is important for young children and how hermeneutics and apologetics can act as tools that help children develop a Christian worldview.

Palavras-chave

Worldview; Children; Bible.

1. Introdução

Cosmovisão é, segundo o Dicionário Priberam (2024), uma concepção ou visão de mundo. Apesar de esse conceito ser demasiado sucinto, por ora, ele nos será suficiente. Segundo os teólogos Brian J. Walsh e J. Richard Middleton (2010), todo ser humano possui uma cosmovisão. Embora as crianças não percebam e nem experienciem o mundo ao seu redor da mesma forma que um adulto, tal afirmação também as inclui visto que elas também são pessoas.

Quanto a isso, recorremos à teóloga Francine Walsh (2017) que, em seu livro *Você no ministério infantil*, explica que quando pensamos no termo “pessoas” tendemos a visualizar apenas adultos e a excluir as crianças da nossa mente. Além disso, temos o hábito de tratar as crianças como se elas “fossem o futuro” e, ao fazermos isso, esquecemo-nos de que elas também “são o presente”. Ou seja, as crianças não precisam crescer para se tornar alguém, elas não são pessoas em formação. Elas já são alguém e também são pessoas. Logo, elas também são pecadoras.

A Bíblia é clara ao afirmar em Romanos 3.23² que todos pecaram. Esse ensinamento é ratificado por meio de diversas outras passagens, mas em nenhuma delas é possível encontrar uma exceção para as crianças. Percebemos então que os pequenos

2 “... pois todos pecaram e carecem da glória de Deus.”

precisam ser valorizados, pois são pessoas e como tais são imagem e semelhança de Deus, mas como todo ser humano eles também são pecadores e precisam de Cristo.

Entretanto, apesar de não serem “pessoas em formação”, as crianças, assim como todo ser humano, estão em um constante processo de desenvolvimento. Enquanto cristãos, nosso objetivo deve ser nos aperfeiçoar até atingirmos à medida da estatura da plenitude de Cristo, conforme Efésios 4.13³, ou, em outras palavras, e consoante a Gálatas 4.19⁴, até que Cristo seja formado em nós. Se parecer cada vez mais com Cristo não é dever apenas dos cristãos adultos, mas de todos, independentemente da idade, que já foram alcançados pela graça salvífica de Jesus. Ou seja, essa incumbência também abarca os “pequenos pequenos Cristos” (as crianças já convertidas).

Além disso, uma das formas de se buscar parecer mais com Jesus é desenvolvendo uma cosmovisão bíblicamente fundamentada. Levando isso em consideração, faz-se necessário ressaltar que, consoante o que explicamos a priori, as pessoas estão em um processo contínuo de desenvolvimento. Porém, no que tange às crianças, elas ainda estão nas etapas iniciais deste processo. Logo, para um infante desenvolver uma cosmovisão cristã, é necessária a influência de cristãos mais velhos.

Isto posto, este artigo discorre sobre o papel da cosmovisão cristã na vida das crianças. Para tanto, ele dividir-se-á em três partes. A primeira traçará uma breve cronologia a respeito do conceito de cosmovisão. A segunda abordará o porquê é importante para as crianças possuírem uma cosmovisão cristã. E a terceira explicará como é possível, por intermédio da hermenêutica e da apologética, auxiliar uma criança a desenvolver uma cosmovisão cristã e quais ferramentas são necessárias para esse processo.

2. Um breve histórico a respeito do termo “cosmovisão”

A princípio, antes de deveras traçarmos um breve histórico sobre “cosmovisão”, é importante esclarecermos que, conforme Rowe apud Naugle (2017), esse conceito não é nativo do meio acadêmico teológico, mas, sim, imigrante. Ou seja, cosmovisão é um conceito que nasceu em outra área de estudos e acabou por ser adotado pela teologia, popularizando-se cada vez mais entre o meio cristão durante o último século.

Ademais, cosmovisão não é algo recente. Segundo o professor Fabiano Oliveira no prefácio do livro *Dando nome ao elefante*, de James Sire, “cosmovisão’ é um termo tão antigo quanto a própria existência humana. É a consciência deste fenômeno com

³ “... até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo.”

⁴ “... meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós.”

a consequente teorização deste assunto, por parte dos estudiosos, que é relativamente recente” (OLIVEIRA in SIRE, 2012, p. 7). Em outras palavras, possuir cosmovisão é um dos aspectos criacionais do homem, no entanto, ele só foi capaz de perceber a existência desse fenômeno e nomeá-lo na contemporaneidade, de modo mais preciso, no século XVIII.

Isto posto, o termo “cosmovisão” é, na verdade, a tradução da palavra alemã *weltanschauung*, cunhada por Immanuel Kant em seu livro *Crítica do juízo*, publicado em 1790. Entretanto, de acordo com Sire (2012), esse uso primário do termo foi passageiro. Isso significa que defini-lo ou se aprofundar em seu sentido não era o foco de Kant. Ainda assim, é possível extrair algum significado para essa palavra por meio da circunstância na qual ela foi utilizada. O teólogo David Naugle (2017, p. 93-94) faz isso muito bem ao afirmar que “várias frases no contexto dessa citação⁵ (...) sugerem que para Kant a palavra *Weltanschauung*, significava simplesmente a percepção do mundo pelos sentidos”.

Após sua estreia filológica, o termo *weltanschauung* ganhou notoriedade no idealismo alemão e muitos outros filósofos passaram a utilizá-lo contribuindo, assim, tanto para a sua implementação oficial no vocabulário alemão quanto para a sua conceituação. Não obstante, segundo Sire (2012), o primeiro filósofo a dedicar um espaço de destaque para a *weltanschauung* em suas reflexões foi Wilhelm Dilthey na segunda metade do século XIX. A partir de então, a ideia de *weltanschauung* se expandiu até ultrapassar a fronteira alemã e, conseqüentemente, o termo começou a ser traduzido para diversas línguas.

Com o passar do tempo, a noção de cosmovisão difundiu-se não apenas na filosofia, mas de várias áreas das ciências humanas, tornando-se importante também para as ciências sociais e naturais. Percebemos então que a cosmovisão passou a ser utilizada em diferentes contextos e, dessa forma, seu conceito foi sendo construído e adaptado conforme a necessidade de quem o utilizava.

Em meio a esse cenário, a ideia de cosmovisão foi introduzida no mundo cristão ainda na segunda metade do século XIX. De acordo com Naugle (2017), os principais responsáveis por isso foram os teólogos James Orr e Abraham Kuyper. O trabalho deles deixou um legado que perdura até hoje. Isso é ratificado mediante a comprovação de que, a eles, seguiram-se vários outros teólogos cujas obras disseminaram ainda mais o conceito de cosmovisão. Dentre os quais destacamos, Gordon Clark, Carl Henry, Herman Dooyeweerd e Francis Schaeffer.

Por fim, no que diz respeito ao conceito de cosmovisão, utilizaremos, neste artigo, a definição proposta por James Sire por acreditarmos que ela é a mais completa e a que melhor explica o que o termo significa:

5 O autor se refere ao texto original no qual Immanuel Kant usou a palavra *weltanschauung*.

Cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso por uma história ou num conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento no qual vivemos, nos movemos e existimos. (SIRE, 2012 p. 160-161).

Percebemos então que, cosmovisão é algo mais profundo do que uma visão de mundo, ela é uma convicção cujas raízes estão fincadas no coração do homem. A fim de compreendermos melhor essa ideia, precisamos primeiro entender o conceito bíblico de coração utilizado por Sire. Para tanto, recorreremos à explicação dada pelo teólogo Herman Bavinck:

De acordo com o ensino das Sagradas Escrituras, tanto a razão quanto à vontade têm suas raízes no coração do homem. (...) Assim como o coração no sentido físico é o ponto de origem e a força propulsora da circulação do sangue, também ele é espiritual e eticamente a fonte da vida superior no homem, além de ser o assento da nossa autoconsciência, do nosso relacionamento com Deus e da nossa subserviência à sua lei, isto é, de toda a nossa natureza espiritual e moral. Consequentemente, toda a nossa vida racional e volitiva tem o seu ponto de origem no coração e é governada por ele (2021, p.45).

Isto significa que, biblicamente, a palavra coração é utilizada em sentido metafórico para indicar a fonte dos nossos desejos, vontades e decisões. De certa forma, é como se o coração fosse o cérebro da nossa alma. Por conseguinte, as pressuposições com as quais comprometemos nosso coração são o que chamamos de cosmovisão.

Considerando que, em concordância com Provérbios 4.23⁶, é do coração que procedem as fontes da vida, a cosmovisão de uma pessoa norteia o modo como ela enxerga o mundo ao seu redor. A partir disso, as cosmovisões tornam-se capazes também de orientar como alguém interage com a realidade e isso se reflete no comportamento das pessoas e em tudo que produzem. Isto nos leva a concluir que cosmovisão é uma convicção que é vivida por aquele que a possui.

⁶ “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque delem procedem as fontes de vida.”

Outrossim, sabendo que cosmovisão é um aspecto criacional do ser humano e que a queda do homem⁷ corrompeu toda a criação, é possível afirmar que a cosmovisão humana também foi afetada. Como consequência passaram a existir diferentes cosmovisões. Entretanto, por mais diversas que sejam, as cosmovisões podem seguir apenas duas direções: uma que vá ao encontro dos preceitos divinos ou uma que vá de encontro a eles.

A única cosmovisão que segue a primeira direção é chamada de cosmovisão cristã ou bíblica porque busca compreender o mundo a partir dos preceitos bíblicos. De acordo com os teólogos Goheen e Bartholomew,

Olhar o mundo por meio das Escrituras é, na verdade, olhar o mundo através de três lentes ao mesmo tempo: como algo criado por Deus, deformado pelo pecado e que está sendo resgatado pela obra de Cristo. Tire qualquer uma dessas lentes, e a cosmovisão bíblica ficará distorcida (2016, p. 104).

Para entendermos melhor essa citação precisamos retomar o conceito de Sire (2012), que afirma que as cosmovisões são expressas em forma de histórias. Assim sendo, é possível afirmar que as lentes às quais os autores acima se referem, e que fundamentam a cosmovisão cristã, são os três atos que compõem a grande narrativa bíblica: criação, queda e redenção.

3. Cosmovisão e a identidade da criança cristã

Além de caída e dominada pelo pecado, a sociedade atual é pós-estruturalista e pós-moderna, se caracterizando por uma visão relativista da verdade. e aversa a macro-narrativas. Tal aversão inclui a cosmovisão cristã pois esta é justamente uma grande história. Igualmente, contribui também para que a sociedade seja fragmentada, dominada por relações efêmeras e composta por indivíduos com identidades volúveis. Por conseguinte, o que define os dias atuais é a constante “busca por significado” (KAISER; SILVA, 2014, p.9) e por uma identidade.

Ou seja, nossas crianças estão crescendo em um mundo que procura sistematicamente por uma fonte de sentido e estabilidade em uma pluralidade de cosmovisões corrompidas pelo pecado que fingem disputar entre si enquanto apontam cada vez mais para longe de Deus. Sobre essa guerra de cosmovisões, Naugle (2017, p. 357 – grifo do autor) afirma que ela “é uma guerra sobre cosmovisões; isto é, uma megabatalha entre as forças da luz e as forças das trevas sobre a identidade ou definição do universo”.

⁷ Gênesis 3.

Pelas razões acima, é de suma importância que as crianças desenvolvam desde cedo uma cosmovisão cristã. Entretanto, como cosmovisão é um compromisso do coração, isso só será possível se elas já forem convertidas e comprometidas com Cristo.

Embora a ausência de conversão signifique que crianças não salvas não podem desenvolver uma cosmovisão verdadeiramente bíblica, sua exposição a esta atua de forma evangelística e apologética. Segundo uma pesquisa publicada por Lionel A. Hunt em seu livro *Handbook of children's evangelism*, 85% das conversões ocorre na faixa etária de 4 a 14 anos (apud Hershey, 2014). Essa é a chamada janela 4/14 e revela quão necessários e urgentes são a evangelização e o discipulado de crianças. Dentro desse panorama, o ensino sobre as bases da cosmovisão bíblica se mostra um instrumento imprescindível para auxiliar as crianças a entenderem corretamente o que é o cristianismo e qual a sua mensagem.

Em relação aos pequenos pequenos Cristos, a cosmovisão cristã, em primeiro lugar, lhes concederá as ferramentas necessárias para identificar as pressuposições falsas que fundamentam as demais cosmovisões. Mesmo que estas venham a apresentar alguns aspectos estruturais verdadeiros.

Em segundo lugar, por meio dela, as crianças conseguirão desenvolver um “retrato totalmente bíblico da realidade” (NAUGLE, 2017, p. 69) e de si mesmas. Dessa forma, poderão enxergar o mundo ao derredor de maneira integral e saberão que sua identidade está firmada em quem elas são em Jesus.

Em terceiro lugar, é importante reforçar que as cosmovisões são firmadas em uma orientação do coração, isto é, em um compromisso de fé e isso significa que elas precisam responder a quatro perguntas básicas:

- (1) Quem sou eu? Ou, qual é a natureza, a tarefa e o propósito dos seres humanos?
- (2) Onde estou? Ou, qual é a natureza do mundo e do universo onde vivo?
- (3) O que está de errado? Ou, qual é o problema básico ou o obstáculo que me impede de atingir a satisfação? Em outras palavras, como eu entendo o mal? E,
- (4) qual é a solução? Ou, como é possível vencer esse impedimento à minha realização? Em outras palavras, como encontro salvação? (WALSH; MIDDLETON; 2010, p. 32 – grifos dos autores)

A cosmovisão cristã responde a essas questões bíblicamente e conhecer tais respostas resulta no fortalecimento da fé das crianças. Considerando o fato de que elas terão essa fé frequentemente questionada e desafiada por aqueles que não a reconhecem enquanto verdadeira, elas poderão recorrer à própria cosmovisão para não se deixarem abater. Percebemos, então, a existência de uma relação entre cosmovisão e apologética.

Por fim, é importante que uma criança salva possua sua cosmovisão bíblica regularmente nutrida por preceitos cristãos. Desta forma, ela desenvolverá uma identidade moldada pela palavra divina e alicerçada no Deus único e verdadeiro, transcendente e imutável. Portanto, ela terá condições de se manter firme em meio a um mundo instável e volúvel.

4. Como moldar a cosmovisão de uma criança

A cosmovisão é inata ao ser humano, entretanto, ninguém nasce com ela já formada. Para Naugle,

certamente, desde a infância uma quantidade torrencial de conteúdo é despejada no reservatório do coração de fontes aparentemente ilimitadas de qualidade variável, algumas puras, algumas poluídas. (...) As cosmovisões, de uma forma ou de outra, são sempre obras em progresso (2017, p. 346 - 347).

Isso significa que as cosmovisões, assim como os seres humanos, estão em um contínuo processo de desenvolvimento. Por estar nas etapas iniciais desse processo, a criança, sozinha, não consegue filtrar as influências puras das poluídas. Logo, ela não pode cultivar intencionalmente uma cosmovisão bíblica sem que adultos atuem como mediadores.

Contudo, é preciso enfatizarmos que não é possível se ensinar uma cosmovisão porque elas “não são produtos do puro pensamento, mas nascem das dinâmicas da experiência humana” (NAUGLE, 2017, p. 185). Portanto, a cosmovisão de uma criança é moldada a partir da influência das pessoas com quem mais convive.

Sendo assim, ela necessita se relacionar com pessoas cuja cosmovisão seja bíblica. O ideal é que isso ocorra primeiro na família e depois por meio da interação com a Igreja.

Ademais, Naugle afirma que

antes que as fontes de vida fluam do coração, algo deve primeiro e inclusive continuar fluindo dentro dele. O coração não expressa a vida dentro dele somente, mas também a recebe do exterior. As coisas são internalizadas antes de serem externalizadas. Pois, com efeito, o conteúdo do coração que modela a vida é determinado não somente pela natureza ou por predisposições orgânicas, mas também em grande parte pelo alimento. (2017, p. 345-346 – grifos do autor).

A partir disso e considerando que as cosmovisões se expressam por meio de narrativas, inferimos que é possível auxiliar uma criança a desenvolver uma cosmovisão cristã alimentando seu coração com doutrinas bíblicas. Isso se deve ao fato de que, em conformidade com os teólogos Walter Kaiser Jr. e Moisés Silva (2014), esse gênero literário constitui um terço da estrutura da Bíblia. A respeito disso, recorreremos ao pastor e teólogo Jonas Madureira que – ao falar sobre a obra *Confissões*, de Agostinho –, em seu livro *Inteligência Humilhada* afirma em nota:

Há duas disciplinas da teologia que são extremamente úteis para ajudar na compreensão da cosmovisão cristã expressa como história e como conjunto de pressuposições. São elas: teologia bíblica e teologia sistemática. Enquanto a teologia bíblica lida com a cosmovisão cristã expressa como história, a teologia sistemática lida com a cosmovisão cristã expressa como um conjunto de pressuposições (MADUREIRA, 2017, p.272).

Ou seja, é necessário ensinar a Bíblia para as crianças trabalhando com elas – seja em casa, na EBD ou no culto infantil –, tanto a teologia bíblica quanto a sistemática. Nesse sentido, precisamos, antes de tudo, diferenciar ambas as disciplinas. Com esse propósito, empregamos os conceitos desenvolvidos pelo teólogo Geerhardus Vos:

Ela [a teologia bíblica] difere da teologia sistemática não no sentido de ser mais bíblica ou por aderir mais de perto às verdades das Escrituras, mas em que o princípio de organização de material bíblico é histórico em vez de lógico. Uma vez que a teologia sistemática toma a Bíblia como um todo e se empenha em exibir a totalidade de seu ensino numa forma ordenadamente sistemática, a teologia bíblica lida com o material de um ponto de vista histórico, procurando expor o crescimento orgânico ou o desenvolvimento das verdades da revelação especial, começando com a revelação pré-redentora dada no Éden indo até o fechamento do cânon do Novo Testamento (2019, p.5).

Aplicando essas definições ao ensino de crianças, compreendemos que ensinar-lhes teologia bíblica significa apresentar a Bíblia como uma grande e única história que, conforme apresentamos anteriormente, se divide em basicamente três atos: criação, queda e redenção. Ou seja, trabalhar a teologia bíblica com crianças é dar a elas as bases que fundamentarão sua cosmovisão. Isso pode ser feito por meio da preparação

de lições que sigam a sequência do cânone bíblico de modo que, “desde pequenas, as crianças que frequentam nossas igrejas saibam que a Bíblia é um livro contínuo, onde uma história segue e explica a outra, e onde todas, como vimos no capítulo anterior, apontam para Cristo” (WALSH, 2017 p. 32).

Em relação à teologia sistemática, podemos afirmar que ensiná-la aos pequenos é dar a eles as repostas às quatro perguntas, anteriormente mencionadas, responsáveis por fundamentar uma cosmovisão. Para tanto, esta pode ser ensinada juntamente com a teologia bíblica (em pontos específicos da lição) ou em momentos separados. Por exemplo, as mensagens do culto infantil podem ser organizadas de modo sequencial enquanto as aulas da EBD podem ser de forma temática.

Isto posto, é imprescindível a utilização de algumas ferramentas intencionalmente voltadas às crianças para se ensinar teologia a elas.

Considerando a relação existente entre cosmovisão e apologética, esta última se faz um instrumento indispensável para que os pequenos pequenos Cristos não apenas aprendam teologia, mas também a vivam cotidianamente. Além disso, é necessário fazer uso de uma boa hermenêutica para traduzir adequadamente as doutrinas bíblicas para a linguagem das crianças.

4.1. O fazer hermenêutico intencionalmente voltado às crianças

Hermenêutica é, de modo resumido, “a disciplina que lida com os princípios da interpretação” (KAISER; SILVA, 2014, p.15). Ela pode ser utilizada em diferentes situações já que, como seres humanos, estamos constantemente interpretando tudo o que nos cerca. Em outras palavras, usamos a interpretação para compreendermos o mundo ao nosso redor. Portanto, faz-se necessário ratificar que, para o contexto deste artigo, trabalharemos a hermenêutica como uma ferramenta de interpretação bíblica.

Sendo assim, precisamos esclarecer alguns pontos sobre o processo hermenêutico. Em primeiro lugar, ele busca interpretar o texto respeitando a intenção do autor. Para tanto, o intérprete considera o contexto no qual o texto foi escrito, quem o escreveu e o que ele significava para o seu público-alvo original. Apenas ao fim desse processo, e a partir dele, é que o hermeneuta “recontextualiza” a mensagem aplicando-a, sem despreze-la, ao contexto do seu próprio público.

Em segundo lugar, a questão da linguagem também é um fator a ser considerado. Segundo Kaiser e Silva (2014), a Bíblia é um livro tanto divino quanto humano porque ele é a palavra de Deus escrita com o vocabulário dos homens e é importante enfatizar que esse vocabulário muitas vezes é dúbio e aberto a ambiguidades e má interpretação. Isso acontece porque nossa língua, ou melhor, nossas línguas também são caídas. Em outras palavras, a linguagem humana é fragmentada e corrompida pelo pecado como

podemos observar em Gênesis 11⁸. Por consequência, muitas vezes temos dificuldade em entender corretamente o que o texto bíblico quer dizer e esse é um dos motivos pelo qual o processo hermenêutico é tão necessário quando interpretamos a Bíblia.

Se para um adulto, que possui total domínio da linguagem, muitas vezes é difícil compreender o que a Bíblia diz, tal processo é ainda mais complicado para uma criança, cuja linguagem ainda está em desenvolvimento. A isso acrescentamos as verdades já mencionadas de que a criança é pecadora e de que sua linguagem (a mesma que ela ainda está aprendendo a dominar) está corrompida pelo pecado. Percebemos, então, que a hermenêutica é tão importante para uma criança quanto para um adulto.

Além da linguagem, a hermenêutica também se preocupa com a questão da cultura. Para Kaiser e Silva,

Se desejamos compreender o significado dentro da intenção original dos autores que, antes de tudo, foram aqueles que estiveram diante de Deus e receberam dele a mensagem que escreveram, devemos começar a entender o que eles queriam dizer por meio de suas alusões culturais. Isso não significa que esse é o fim do processo, pois ainda precisamos ligar essa compreensão com a cultura para a qual desejamos anunciar essas palavras, sem esquecer ainda que é necessário levar em consideração nossa própria bagagem cultural como intérpretes (2014 p. 169).

Em outras palavras, a hermenêutica deve respeitar tanto a cultura dos autores do texto quanto a do intérprete e a do leitor. Considerando que as crianças apreendem o mundo ao seu redor de forma diferente das pessoas mais velhas, é possível afirmar que elas experienciam a cultura de modo diferenciado que os adultos e que esta também é geracional.

Tal fato é perceptível ao se comparar as vivências culturais entre dois adultos de diferentes gerações e identificar o quão diferente elas podem ser. Essa diferença é notadamente maior quando se trata de um adulto e uma criança. Até mesmo entre duas crianças pode existir essa divergência de apreensão cultural (o nível de compreensão de alguém com 10 anos, por exemplo, é radicalmente diferente do de uma pessoa com 4). Logo, faz-se necessário acrescentar a questão da idade ao fator cultural. Ou seja, ao se fazer a hermenêutica de um texto, o intérprete também deve considerar a faixa etária do seu público-alvo porque a compreensão e a bagagem cultural das pessoas divergem de acordo com suas idades.

Esse cuidado deve ser predominante na última etapa do processo hermenêutico:

8 O relato sobre a torre de Babel.

a aplicação. Um adulto e uma criança dificilmente aplicarão um texto bíblico da mesma maneira. Por isso, cabe ao intérprete fazer essa diferenciação intencionalmente. Em outras palavras, não basta simplesmente aplicar a hermenêutica aos estudos bíblicos com crianças, o fazer hermenêutico em si precisa ser voltado para os infantes.

Outro motivo que reforça a importância do trabalho exegético focado nas crianças é a preferência dada às passagens que são histórias bíblicas no ensino destas. Fato este que pode ser comprovado empiricamente através de uma rápida observação dos materiais de ensino bíblico infantil disponíveis em diferentes livrarias e que é ratificado pelas análises feitas por Katherine Hershey em seu livro *Ensinando com êxito crianças* (2014).

Literariamente falando, histórias são narrativas e, segundo Kaiser e Silva (2014), esse é o gênero literário mais comum na Bíblia, constituindo um terço de sua estrutura. Elas abrangem a maior parte do Antigo Testamento e se prolongam até o Novo (abrangendo os Evangelhos e o livro de Atos). A linguagem narrativa é descritiva e não prescritiva, ou seja, a mensagem que o autor quer passar é declarada indiretamente. Por esse motivo, e considerando que as cosmovisões se expressam justamente por narrativas, a interpretação desses textos requer uma atenção extra.

De acordo com Kaiser e Silva (2014), existem dois principais erros que podemos cometer ao interpretarmos as narrativas bíblicas. O primeiro é nos envolvermos tanto com a história a ponto de nos esquecer de sua mensagem tratando-a como um fim em si mesma. O segundo é fazermos uma interpretação puramente moralista. Sobre isso ele explica que

Sob esse método de lidar com o texto, cada narrativa tende a ser cortada da história redentora de Cristo e resulta em uma série de fragmentação da mensagem bíblica. Em lugar de considerar todo acontecimento, personagem e episódio que contribui para a formação do contexto em que está posto, com demasiada frequência um processo subjetivo de analogia passa a vigorar, junto com um isolamento individualista de detalhes selecionados que passam a se ajustar aos caprichos dos propósitos do intérprete. Um processo de seleção assim tende a ser arbitrário, subjetivo e, geralmente, não está relacionado ao contexto total da narrativa, muito menos à mensagem total da Bíblia. (KAISER e SILVA, 2014. P. 68).

Ou seja, ambos os erros deturpam a mensagem do texto bíblico. Quando interpretamos as narrativas bíblicas por um desses vieses, estamos tratando-as como meras histórias, mas elas são muito mais que isso. São relatos de acontecimentos reais

e, ao contrário das narrativas humanas, são a Palavra de Deus. Logo, elas devem ser tratadas como tais.

Infelizmente, não é incomum que tais erros sejam cometidos no ensino de crianças. E eles são ainda mais perigosos nesse cenário porque em nada diferenciam lugares fora do ambiente eclesial. Dessa forma, eles afastam as crianças da noção que a Bíblia é a Palavra de Deus e de sua verdadeira mensagem e, conseqüentemente, de Cristo. O uso adequado da hermenêutica auxilia justamente a evitar que tais situações ocorram.

4.2. A apologética aplicada ao ensino de crianças

Em sua primeira carta à Igreja perseguida, Pedro recomenda aos cristãos que sempre estejam preparados para responderem a razão da esperança que neles há⁹. Em outras palavras, ele aconselha os seus irmãos a fazerem apologética. Segundo o teólogo Cornelius Van Til (2010, p. 19), “A apologética é a vindicação (defesa) da filosofia de vida cristã em contraste com as várias formas de filosofia de vida não cristãs.” Essa defesa consiste justamente em ser capaz de explicar quais são as suas crenças e o porquê da sua fé, ou seja, de articular a razão da esperança que dirige a vida dos seguidores de Cristo.

Além do mais, ainda segundo Oliphint (2013, p. 10), “a apologética, em sua forma mais básica, é simplesmente a aplicação da verdade bíblica às preocupações do dia”. A partir dessa citação, podemos deduzir que a Bíblia é central para o processo apologético e que este auxilia o cristão a desenvolver uma cosmovisão bíblica capaz de prepará-lo para enfrentar os problemas cotidianos.

Em relação ao primeiro tópico, Oliphint (2013) defende que, de certa forma, a Bíblia inteira é apologética, porque é a Palavra de Deus, enviada a nós, habitantes de um mundo caído, para mostrar a verdade. Sendo assim, o primeiro passo para uma instrução apologética voltada às crianças é ensinar-lhes a Bíblia, porém este ensino não deve ser superficial. Mais do que histórias, as crianças precisam conhecer as verdades apresentadas por essas narrativas assim como as doutrinas advindas delas. Nesse contexto, a hermenêutica se revela uma aliada indispensável, conforme defendemos previamente, sendo uma excelente ferramenta de auxílio ao ensino bíblico.

Sobre a relação entre estudo bíblico e apologética, Van Til (2010) afirma que a teologia sistemática possui mais proximidade com a apologética do que com as demais disciplinas teológicas (em um sentido acadêmico). A teologia sistemática se divide em seis categorias cujos conteúdos são imprescindíveis para o crescimento espiritual de uma criança.

⁹ 1 Pedro 3.15.

A teontologia explica às crianças sobre Deus, sua natureza triúna, seus atributos e sua vontade soberana. A antropologia ensina a elas sobre o homem, sua natureza – ele foi criado à imagem de Deus, mas caiu em pecado –, seu relacionamento com Deus e com o mundo ao seu redor. A cristologia trabalha a pessoa de Cristo enfatizando o fato de Ele ser tanto Deus quanto homem. A soteriologia ajuda as crianças a entender seu processo de redenção. A eclesiologia as auxilia a compreender o que é a Igreja e a sua importância enquanto corpo e noiva de Cristo. Por último, a escatologia ensina o que, para além de uma perspectiva de “fim do mundo”, elas devem ansiar verdadeiramente pela volta de Cristo.

Todo esse arcabouço de conhecimento, solidamente baseado na Bíblia, ajudará não apenas no aprendizado apologético da criança convertida, mas também na construção de uma cosmovisão cristã. Isso acontece porque, por meio dele, é possível responder bíblicamente às perguntas que toda cosmovisão busca responder, conforme podemos observar abaixo:

Quem sou eu? – Eu sou um ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, feito para glorificá-lo. Porém, meu coração foi corrompido pelo pecado e por isso eu necessito de redenção.

Onde estou? – Estou em um mundo que também foi criado por Deus e corrompido pelo pecado.

O que está de errado? – O pecado é o que há de errado no mundo.

Qual é a solução? – A solução para o pecado se dá por meio da fé em Cristo, por meio de cuja morte e ressurreição podemos obter salvação.

Outrossim, para Oliphint (2013, p.10), fazer apologética também significa saber “dar uma resposta quando os desafios chegam”, sendo que, para se obter tal resposta, é necessário “pensar através das verdades das Escrituras de um modo que traga à tona as verdades para as questões de hoje” (OLIPHINT, 2013, p. 38). Isto é, o ensino da apologética fundamenta a fé dos pequenos bíblicamente ensinando-os não apenas a ler a Bíblia, mas a vivenciá-la e a pensar conforme seus preceitos, auxiliando, dessa forma, as crianças a desenvolverem uma cosmovisão cristã enquanto as prepara para enfrentar os obstáculos que a sociedade lhes imputará.

Um cristão cuja conversão ocorra ainda na infância enfrentará desafios ao longo de todas as fases da sua vida. Portanto, esse é outro motivo pelo qual é importante ensinar-lhe apologética desde a mais tenra idade. Quanto mais cedo ele aprender quem Deus é, quem ele é em Cristo e o que é o evangelho, mais capacitado ele estará para não se deixar influenciar por cosmovisões e doutrinas falsas. Ele habitará em um mundo fragmentado sabendo exatamente qual é a sua identidade e a sua cosmovisão podendo,

assim, ser sal e luz nesse ambiente, conforme Jesus instrui em Mateus 5.13-14a¹⁰.

Percebemos, então, que a apologética é importante tanto para fortalecer a fé das crianças quanto para capacitá-las a testemunhar dessa fé e, por conseguinte, pregar o evangelho. Além de ajudar os pequenos a desenvolverem uma visão de mundo cristã. É necessário destacarmos também que, ao ensinarmos apologética às crianças, estamos igualmente fazendo apologética para elas, ou seja, as ensinamos enquanto pregamos a elas e servimos como exemplo de cristãos.

5. Considerações finais

Considerando que cosmovisões são convicções vividas, antes de se “ensinar” a cosmovisão cristã para uma criança é necessário vivê-la. As crianças aprendem, principalmente, por meio do exemplo que lhes é mostrado. Logo, de nada adianta tentar orientar uma criança a enxergar o mundo por meio das lentes da fé cristã e agir como se Cristo não fizesse parte do seu dia-a-dia. Para ensinar uma criança “como ser cristã” é necessário primeiro ser cristão.

Igualmente, ensinar os pequenos a alinharem seus corações segundo a vontade de Deus é um trabalho que deve ser feito de modo comunitário. Apesar dos pais serem os principais responsáveis pelo discipulado de seus filhos, a Igreja também tem seu papel a cumprir enquanto auxiliares nessa tarefa. Afinal, a Igreja nada mais é do que a família de Deus segundo Efésios 5.19.¹¹

Isso posto, ao ajudarmos uma criança a comprometer seu coração com a fé em Cristo e com as doutrinas cristãs, desenvolvendo, assim, uma cosmovisão bíblica, estamos ensinando-as a perceber o mundo como uma grande história da qual ela também faz parte. Dessa forma, ela tornar-se-á apta para reconhecer cosmovisões falsas, confrontá-las e até rebatê-las.

Uma criança comprometida com a fé cristã é alguém disposta a crescer em Cristo e fazer parte do seu corpo, tornando-se, assim, um pequeno pequeno Cristo. Da mesma forma, ela é capaz de fazer uma enorme diferença no ambiente em que vive levando a verdade em amor em um mundo dominado por pressuposições errôneas e mostrando que Cristo é a verdadeira fonte do significado que ele tanto anseia.

10 “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta se não para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo.”

11 “Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus.”

Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo de Genebra**. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2ª edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 1969 p.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cosmovisao>. Acesso em 01 de março de 2024

GOHEEN, Michael W. BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. Tradução: Mario Loureiro Redondo. 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2016. 272 p.

HERSHEY, Katherine. **Ensinando com êxito crianças: causando impacto na próxima geração**. Tradução: Loly Amaro de Souza. 7ª edição. São Paulo: APEC, 2014. 136 p.

KAISER, Walter C Jr. SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica: como ouvira palavra de Deus apesar dos ruídos da nossa época**. Tradução: Paulo C. N. dos Santos; Tarcízio J. F. de Carvalho; Susana Klassen. 3ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. 288 p.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência Humilhada**. 1ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2017. 336 p.

OLIPHINT. K. Scott. **A batalha pertence ao Senhor: O poder das Escrituras para a defesa de nossa fé**. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto e Marcelo Herbets. 1ª edição. Brasília: Editora Monergismo, 2013. 188 p.

NAUGLE, David K. **Cosmovisão: A história de um conceito**. Tradução: Marcelo Herbets. 1ª edição. Brasília: Editora Monergismo, 2017. 488 p.

SIRE, James W. **Dando nome ao elefante: Cosmovisão como um conceito**. Tradução: Paulo Zacharis e Marcelo Herbets. 1ª edição. Brasília: Editora Monergismo. 2012. 186 p.

TIL, Cornelius Van, **Apologética cristã**. William Edgar. (org.) Tradução: Davi Charles Gomes. 2ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. 158 p.

VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica: Antigo e novo testamento**. Tradução: Alberto Almeida de Paula. 2ª edição. São Paulo, Cultura Cristã, 2019. 496 p.

WALSH, Brian. MIDDLETON, J. Richard. **A visão transformadora: Moldando uma cosmovisão cristã**. Tradução: Valdeci Santos. 1ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. 189 p.

WALSH, Francine. **Você no Ministério Infantil**. 1ª edição. s/e. s/d. e-book. 79 p. Disponível em: <https://gracaemflor.com/livros/>. Acesso em 08 de maio de 2024.